

REFLEXÕES PSICANALÍTICAS SOBRE A ANSIEDADE NO CONTEXTO ACADÊMICO

Vitor Manoel Souza Soares ¹
Rodrigo da Silva Almeida ²
Lirani Firmo da Costa Souza ³
Valdir Ferreira de Lucena Filho ⁴
Sidycleide Gomes de Souza Lucena ⁵

RESUMO

O presente artigo apresenta uma leitura psicanalítica sobre a ansiedade no contexto acadêmico. Metodologicamente, trata-se de um texto teórico, de natureza ensaística, onde problematizaremos a ansiedade como um sintoma social contemporâneo, que possui íntima relação com a vida do sujeito e com a cultura. A partir do referencial Psicanalítico, compreendemos a ansiedade como uma reação que o sujeito tem ao se deparar com um perigo iminente e que é decorrente de um acontecimento traumático que não foi elaborado e também como um reflexo do mal-estar na civilização resultante do ingresso do sujeito na cultura. Nesse sentido, argumentamos para a importância dos aspectos psicossociais inerentes ao fenômeno da ansiedade, que inclui às constantes cobranças e pressões advindas do Outro, às quais os universitários estão submetidos, promovendo embaraços e perturbações que acabam por inibi-los e deixá-los ansiosos; como também a cultura do imediatismo e do bem-estar, que repercutem em sofrimento e adoecimento psíquico, dos quais destacamos os quadros ansiosos. Diante disso, nos ancoramos no referencial psicanalítico e propomos aqui uma abordagem crítica, alternativa ao predominante modelo biomédico e acusamos a presença de aspectos psicossociais que também contribuem para o aumento da ansiedade na atualidade. A partir destes pressupostos, acreditamos que será possível uma compreensão da ansiedade a partir de uma perspectiva não psicologizante, não patologizante e não medicalizadora e favorecer a proposição de políticas públicas e de intervenções de caráter preventivo que promovam o bem-estar e saúde mental dos sujeitos nas universidades.

Palavras-chave: Ansiedade, Angústia, Universidade, Psicanálise, Educação Emocional.

¹ Graduando do Curso de Psicologia da Faculdade Irecê- FAI, vitor_manoel123@hotmail.com

² Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Alagoas - UFAL. Integrante do pesquisa Processos Educacionais e Desenvolvimento Humano (CNPq). Especializando em Psicanálise pela SANAR SAÚDE e especializando em Psicopedagogia Clínica e Institucional pelo Centro Universitário Tiradentes – UNIT, rodrigoalmeidapsi@gmail.com

³ Especialista em Psicologia Comportamental e Cognitiva (FAVENI). Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário Tiradentes, UNIT, liranisousa@gmail.com

⁴ Especialista em Telecomunicações e Redes de Computadores: Tecnologias Convergentes, pela Universidade Estácio de Sá/AL. Especialista em Gestão Pública, pela Escola Superior do Ministério Público da União- ESMPU, valdir.lucena@outlook.com

⁵ Especializanda em Psicopedagogia Clínica e Institucional pelo Centro Universitário Tiradentes - UNIT, Especializanda em Neuroeducação pela Universidade Estácio de Sá, sidycleide@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta uma leitura psicanalítica sobre a ansiedade no contexto acadêmico. Esta discussão se justifica porque a ansiedade é um sintoma contemporâneo, cuja incidência tem se elevado na atualidade, ocasionando sofrimento e adoecimento psíquico para os sujeitos, impactando em diversas áreas de sua vida, dentre elas a acadêmica. A partir disso, nos ancoramos no referencial psicanalítico, a partir das proposições de Freud (1916/2014), que afirma ser a ansiedade uma reação que o sujeito tem ao se deparar com um perigo iminente e que é decorrente de um acontecimento traumático que não foi elaborado, tendo como principais sintomas fisiológicos: “[...] tremedeira, tontura, uma palpitação ou falta de ar, mas o sentimento geral que nos permite identificar a angústia pode estar ausente ou ter se tornado imperceptível [...]” (FREUD, 1916/2014, p. 530).

A ansiedade que se manifesta no contexto acadêmico é vista aqui como uma manifestação do que Freud (1930/2010) chama de mal-estar na civilização, que se refere a esse processo de ingresso do sujeito na cultura. Conseqüentemente, para que faça parte da sociedade e conviver com seus semelhantes, é preciso abdicar da satisfação das próprias pulsões, renúncia que não é nada fácil, pois o psiquismo busca o tempo todo satisfazer os seus impulsos, por isso: “[...] Boa parte da peleja da humanidade se concentra em torno da tarefa de achar um equilíbrio adequado, isto é, que traga felicidade, entre tais exigências individuais e aquelas do grupo, culturais [...]” (FREUD, 1930\2010, p. 58). Scherer e Carneiro (2020) acrescentam que esse o mal-estar também acontece nas Instituições de Ensino Superior – IES, que acabam produzindo, dentre outras coisas, ansiedade, angústia, imobilidade e adoecimento, decorrentes de insatisfações e queixas em relação às limitações encontradas no processo de ensino-aprendizagem.

Agregamos também a proposição freudiana sobre a impossibilidade inerente ao ato de educar, governar e psicanalisar (FREUD, 1937\2018). Ressaltamos, entretanto que esse impossível não tem o sentido de que é algo exequível, mas sim de inalcançável em sua totalidade, e que Freud não quis desvalorizar tais profissões ou propor que tais ofícios não existissem, mas acusar a existência de uma falta inerente ao seu fazer e à sua aposta (LACAN, 1969-1970/1992; SCHERER; CARNEIRO, 2020).

A partir destas considerações, apresentaremos aqui uma pesquisa de natureza ensaística onde discutiremos a ansiedade sob o viés psicanalítico, em que problematizaremos a ansiedade no contexto acadêmico sob um enfoque não psicológico, não patologizante e nem medicalizador, a partir de uma perspectiva crítica.

METODOLOGIA

O presente artigo trata-se de uma pesquisa teórica, especificamente de um ensaio acadêmico. Nesse sentido, faremos uma discussão sobre a ansiedade no contexto acadêmico a partir da Psicanálise. Para isso, utilizamos a concepção freudiana sobre angústia em seus textos “*Conferências Introdutórias à Psicanálise*” (FREUD, 1916/2014); “*Inibição, Sintoma e Angústia*” (FREUD, 1926/2014) e “*Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise*” (FREUD, 1933/2010). A partir da leitura dos textos de Freud, investigamos a noção de angústia e refletimos sobre a ansiedade na atualidade, especialmente no contexto acadêmico.

Além disso, concebemos a ansiedade como um sintoma social contemporâneo, considerando a íntima relação da ansiedade com a vida do sujeito e com a cultura, tendo em vista ter se tornado cada vez mais recorrente e frequente na sociedade e que, para a Psicanálise, o sintoma sempre está inserido no social. (THEISEN, 2015). Assim, tal como afirma Lacan (1964/2008) uma vez que o inconsciente se estrutura como linguagem, o sujeito para a Psicanálise está, desde o seu nascimento, inscrito em uma cadeia de significantes, por isso todo sintoma é sempre social.

Além disso, nos posicionamos aqui como praticantes de Psicanálise, longe de ser alguém que irá solucionar os problemas sociais, mas como aqueles que fazem uso da “[...] Psicanálise como possibilidade... ainda que muitas vezes criticados, firmes nos propósitos de inventar soluções” (FERRARI, 2018, p. 94). Consequentemente, não tivemos o intuito de explorar exaustivamente esta temática e nem de apresentar soluções definitivas para o fenômeno da ansiedade no contexto acadêmico. Ao contrário disso, apresentamos uma possibilidade de abordar este assunto a partir de uma perspectiva crítica.

A ANSIEDADE SOB O OLHAR DA TEORIA PSICANALÍTICA

De acordo com Simonetti (2011) a temática da ansiedade e da angústia ainda é ambígua, havendo ainda imprecisões e dificuldades conceituais em torno desses conceitos, o que demonstra como são vivências humanas de difícil simbolização através da linguagem, desafiando as diferentes áreas do conhecimento humano na sua compreensão, dentre elas a Psicanálise. Do ponto de vista etimológico, o radical “*angkho*” se subdivide em dois eixos: “*angor*” e “*anxietas*”, que significam constrição, aperto, estando relacionadas tanto à ansiedade quanto à angústia, daí “[...] o fato de a angústia e a ansiedade aparecem na clínica com uma

certa ambiguidade; ora são tomadas como sendo a mesma coisa, ora são tomadas como coisas distintas que se articulam de várias maneiras” (SIMONETTI, 2011, p. 9).

De acordo com o referido autor, para a Psicanálise existe uma distinção-fracas entre ansiedade e angústia, que é insuficiente para desfazer a ambiguidade entre ambas, tendo em vista haver uma vasta variação terminológica e conceitual (SIMONETTI, 2011). Diante disso, assumimos a distinção proposta por Theisen (2015) de que “O estado de ansiedade, portanto, pode ser considerado um estado preliminar da angústia, sendo a última considerada uma condição mais grave e que se implica de maneira avassaladora na vida do sujeito” (p. 25). Consequentemente, utilizaremos ambas as nomenclaturas, mas ressaltando aqui que o nosso foco é sobre a ansiedade e suas repercussões na vida acadêmica, e não discutir as diferenças entre ambas.

Feitos estes esclarecimentos, partiremos agora para a discussão sobre a ansiedade na Teoria Psicanalítica, especificamente a partir de Freud, que começou suas discussões sobre a ansiedade em seu texto “*Sobre os critérios para destacar da neurastenia uma síndrome particular intitulada: neurose de angústia*”, de 1895, onde desenvolveu duas teorias para discutir a ansiedade e a angústia, que ele denominou de *angústia automática* e *angústia sinal* (SIMONETT, 2011).

Na primeira teoria, a da *angústia automática*, Freud postulou que existe uma transformação automática da libido reprimida em angústia para a manutenção de um nível mínimo, ou ótimo de tensão, como uma tentativa de aplicar o princípio da homeostase ao sistema nervoso. Consequentemente, a angústia é entendida como uma reação fisiológica diante do excesso de excitação nervosa não descarregada. Simonetti (2011) acrescenta ainda que outros textos freudianos que sustentam essa concepção de angústia são: “*Manuscrito E*” escrito 1894, “*Obsessões e Fobias, sobre a Neurose de Angústia*”, de 1895; teve também o texto sobre as críticas feitas ao escrito da neurose de angústia e o texto sobre a “*Sexualidade na Etiologia das Neuroses*” publicado em 1898.

Já a segunda teoria, a da *angústia sinal*, afirma que a angústia se refere a um sinal deflagrado em situações de perigo, funcionando como um dispositivo do Eu para o enfrentamento antecipado das emergências pulsionais, oriundas do Isso, por meio da produção de uma dose moderada de desprazer, que prepara o sujeito para a tarefa do recalque a partir do princípio do prazer. Nesse sentido, a discussão freudiana sobre a ansiedade aconteceu em dois momentos de sua obra: na primeira e na segunda tópicas (SIMONETTI, 2011; FREUD, 1916/2014).

Em sua primeira teoria, ele se referiu, então, a uma neurose de angústia, cuja etiologia estaria situada no acúmulo de tensão sexual não eliminada que, diante da ausência ou insuficiência de elaboração psíquica dessa excitação sexual que estava localizada no corpo, e fazia com que não houvesse a sua transformação em libido psíquica (GOLDGRUB, 2010; THEISEN, 2015). Em suas palavras: “Não é possível, a princípio, discernir como a ansiedade surge da libido; apenas podemos reconhecer que a libido está ausente e que a ansiedade está em seu lugar” (FREUD, 1916/2014, p. 404).

Em outras palavras, a primeira formulação freudiana concebia a ansiedade como resultante de uma retenção e conseqüente não descarga (satisfação) da libido. A origem da ansiedade estava numa expectativa sexual não consumada ou não satisfatoriamente consumada; essa libido se tornaria insatisfeita em decorrência da falta de objeto ou devido à ausência do prazer esperado (GOLDGRUB, 2010; THEISEN, 2015).

Freud (1916/2014) no texto “a angústia”, de seu livro: “*Conferências introdutórias à Psicanálise*”, afirma que a ansiedade está relacionada à manifestação de um sofrimento psíquico na vida do sujeito, resultante de uma confrontação interna, e que: “[...] é dela, afinal, que se queixa a maioria dos neuróticos, que a caracterizam como seu padecimento mais terrível, e a angústia pode realmente alcançar neles uma enorme intensidade e ter por conseqüência as medidas mais desvairadas” (FREUD, 1916/2014, p. 519).

Além disso, afirma que a ansiedade pode ser de dois tipos: a ansiedade realística, que pode estar ligada a distintos objetos; e a ansiedade neurótica, que não possui objeto e por isso é desconhecida. Conseqüentemente: “[...] A angústia realista nos parece bastante racional e compreensível, diremos que é uma reação à percepção de um perigo externo, ou seja, de um dano esperado, previsto; está vinculada ao reflexo da fuga [...]” (FREUD, 1916/2014, p. 521).

Afirma ainda que, em outras situações, na ansiedade realista, é justamente o maior saber do objeto ansiogênico que deixa o sujeito mais ansioso, porque lhe permite antecipar o perigo. A partir disso, o autor faz uma retificação de que nem sempre a ansiedade realista é adequada, pois a única conduta adequada perante “[...] a ameaça de um perigo seria, com efeito, avaliar calmamente as próprias forças em comparação com o tamanho da ameaça e, então, decidir que alternativa oferece maior perspectiva de um bom desfecho: se a fuga, a defesa ou mesmo o ataque [...]” (FREUD, 1916/2014, p. 521-522). Já na ansiedade neurótica:

[...] Pessoas que sofrem desse tipo de angústia preveem sempre a concretização da possibilidade mais terrível, interpretam todo acaso como sinal de alguma desgraça, exploram toda incerteza no pior sentido. Essa tendência a esperar desgraças é um traço de caráter de muitas pessoas que, em

geral, não poderíamos caracterizar como doentes; são chamadas de muito angustiadas ou pessimistas [...]” (FREUD, 1916/2014, p. 526).

Freud (1916/2014) destaca ainda que o ato de nascimento, por retirar o sujeito da segurança do útero materno e colocá-lo diante dos perigos da vida, faz com que vivencie o que ele denominou “afeto de angústia”. Theisen (2015) acrescenta que a primeira situação de perigo pela qual o ser humano passa é justamente no nascimento, quando acontece a separação da mãe, sendo considerada a primeira reação de perigo; outro fator é a própria condição de dependência absoluta do bebê. Esse afeto de angústia tende a se repetir em outras situações em que a ausência do objeto exigir uma resolução psíquica por parte do sujeito.

O ato de nascimento também provoca a interrupção da renovação do sangue (respiração interna) sendo então a primeira ansiedade vivenciada, uma angústia tóxica: “[..] O substantivo *Angst* [angústia] – *angustiae*, aperto [em latim] – enfatiza o estreitamento da respiração, presente então como consequência da situação real e hoje reproduzindo quase regularmente no afeto [...]” (FREUD, 1916/2014, p. 524-525).

Segundo Goldgrub (2010) a segunda formulação freudiana da ansiedade, que aconteceu na segunda tópica, inverte a ordem dos fatores: enquanto que na primeira a repressão e não o recalque é quem estaria na gênese da ansiedade, agora a ansiedade é concebida como a causadora do recalque. Essa mudança foi proveniente da própria experiência clínica de Freud, quando ele passou a perceber que havia um antagonismo entre a ansiedade e o sintoma.

Essas mudanças são anunciadas oficialmente no texto “*Inibição, Sintoma e Angústia*” (FREUD, 1926/2014), em que aprofunda um pouco mais a etiologia da ansiedade, destacando que sua origem surge a partir do recalque e que o Eu é o lugar onde a ansiedade irá se fixar, argumentando que “[...] podemos apegar-nos com firmeza à ideia de que o ego é a sede real da ansiedade [...]” (p. 96). Consequentemente: “O determinante fundamental da ansiedade automática é a ocorrência de uma situação traumática; e a essência disto é uma experiência de desamparo por parte do ego face de um acúmulo de excitação, quer de origem externa quer interna, com que não se pode lidar [...]” (FREUD, 1926/2014, p. 85).

Posteriormente, no seu texto “*Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise*” (FREUD, 1933/2010), afirma que quando a ansiedade ultrapassa um certo limite, acaba dando lugar ao sintoma. Além disso, caso a estabilidade do sintoma seja ameaçada - e isso acontece quando o sujeito decide enfrentá-lo, por exemplo, através de um processo analítico ou de uma psicoterapia- a ansiedade voltará a se manifestar (GOLDGRUB, 2014). Em suas palavras: “[...] parece, com efeito, que a geração da ansiedade é o que surgiu primeiro, e a formação dos

sintomas, o que veio depois, como se os sintomas fossem criados a fim de evitar a irrupção do estado de ansiedade” (FREUD, 1933/2010, p. 106).

Goldgrub (2010) afirma que a segunda teoria freudiana da ansiedade vai trazer a neurose de defesa, uma categoria clínica distinta da neurose atual. Nesta última, ocorria uma repressão em decorrência da intolerância da civilização com a sexualidade. Já a neurose de defesa era originada na infância do sujeito, decorrente da divisão do psiquismo. Dessa forma, Freud reinterpreta a sua compreensão da ansiedade a partir da sua compreensão sobre o processo de constituição do sujeito (desenvolvimento psicosssexual) e das instâncias psíquicas da sua segunda tópica (Isso, Eu e Supereu).

Theisen (2015) corroborando com o autor acima, acrescenta que em sua segunda teoria, Freud diz que a ansiedade vem sinalizar um perigo do qual o sujeito não consegue identificar e essa reação diante do perigo, como acontece em um ataque de pânico, tem relação com a reativação de uma situação traumática que o sujeito vivenciou que se atualiza através de uma forte carga afetiva. Essas situações passadas se referem tanto ao momento do nascimento (como já foi discutido anteriormente) e colocam em cena o temor da perda do objeto, seja ele materno ou de amor, deixando o sujeito exposto à experiência da castração e da morte. Também ressalta que não podemos perder de vista que a segunda teoria da ansiedade elaborada por Freud não substitui a primeira. Ao contrário disso, as duas concepções de ansiedade marcam uma distinção dos momentos da elaboração psicanalítica deste conceito.

Dessa forma, Freud (1916/2014, p. 521) afirma que: “Seja como for, é certo que o problema da angústia configura um ponto nodal para o qual convergem questões as mais diversas e importantes, um enigma cuja solução haverá de lançar luz abundante sobre o conjunto de nossa vida psíquica”. A seguir, abordaremos um dos pontos nodais da atualidade: a ansiedade no contexto acadêmico.

ANSIEDADE NO CONTEXTO ACADÊMICO: REFLEXÕES PSICANALÍTICAS

Apresentaremos aqui uma breve discussão sobre a ansiedade no contexto acadêmico. Ressaltamos, todavia, que não faremos uma exposição exaustiva sobre o assunto, tendo em vista não ser possível devido a limitação da quantidade máxima de laudas deste texto e nem ser este o nosso intuito. Nesse sentido, retomamos aqui o objetivo deste artigo, que é apresentar uma leitura psicanalítica sobre a ansiedade no contexto acadêmico, objetivando respondê-lo.

De acordo com Soares, Monteiro e Santos (2020) o ingresso na universidade coloca o sujeito diante de situações novas e, conseqüentemente, desconhecidas, trazendo consigo uma

série de desafios, requerendo responsabilidade e autonomia perante o seu desempenho acadêmico. Tal contexto pode favorecer, dentre outras coisas, o desenvolvimento de quadros ansiosos, pois lidar com as incertezas da vida acadêmica tem sido algo desafiador na atual cultura do imediatismo.

Segundo Theisen (2015) o sujeito contemporâneo tem sido obrigado a cumprir prazos e datas e a apresentar resultados, em um tempo que tem sido cada vez mais escasso para dar conta de tantas tarefas. Soares, Monteiro e Santos (2020) complementam que o aumento da ansiedade em universitários está relacionado também à cobrança excessiva da universidade, bem como os desafios encontrados no ambiente, que somada às pressões dos ambientes familiar e\ou de trabalho, acaba interferindo na saúde mental dos estudantes, que acabam não conseguindo encontrar significados para os seus significantes e prejudicando seu desempenho acadêmico.

A partir do momento em que o jovem ingressa na universidade é possível que conflitos psíquicos, que até então estavam adormecidos, se manifestem das mais variadas formas, sendo uma das mais comuns a ansiedade. Outro fator que corrobora para isso é o fato de a maior parte dos universitários estarem atravessando o período de transição da adolescência para a vida adulta, caracterizado por uma série de mudanças e cobranças, que incluem comumente: morar longe da família, ter que administrar os gastos financeiros da faculdade e do novo lar, etc. (SOARES; MONTEIRO; SANTOS, 2020).

Dias (2019) acrescenta que o adolescente, ao se deparar com esse excesso de cobranças que lhe são impostas pelo Outro, costuma vivenciar uma devastação dilacerante ao ter a sua imagem como sujeito diante dos desejos e anseios do Outro, que acabam por inibi-lo. Nesse sentido, Lacan (1962-1963/2005) agrega que na adolescência acontece uma inibição na vertente do movimento, a ponto de configurar um embaraço, onde: “[...] A efusão é a perturbação, o perturba-se como tal, o perturbar-se mais profundo na dimensão do movimento. O embaraço é o máximo da dificuldade atingida” (LACAN, 1962-1963, p. 22).

Para Lacan (1962-1963/2005) esse embaraço e inibição acontecem porque a adolescência é um período que requer do sujeito um trabalho psíquico muito intenso, por meio do questionamento do complexo de castração, em que a imagem do seu corpo seja reconstruída, corroborando para que se sinta fragilizado na representação de seu eu. Dias (2019) acrescenta que, ao deparar-se com esse conjunto de condicionantes, que são vividos de forma singular por cada um, esses adolescentes inibidos/embaraçados acabam tendo uma relação de desconforto com outros sujeitos e grupos e desenvolvem sintomas diversos, dentre eles os quadros ansiosos.

Nesse sentido, Soares, Monteiro e Santos (2020) destacam que, uma vez que a ansiedade ultrapassa o limite do suportável, se tornando patológica, pode interferir nas atividades diárias

dos universitários, elevando o seu nível de estresse, podendo repercutir em seu desempenho acadêmico, tendo em vista que o mal-estar do seu dia a dia interfere diretamente na qualidade de seus estudos. Theisen (2015) agrega que, apesar de ser comum vivenciarmos a ansiedade em nosso dia a dia, esta se torna mais elevada em situações de pressão, como por exemplo, na realização de uma prova e ou outras situações em que se percebem sendo avaliados.

Souza *et al.* (2018) destacam que, no decorrer da graduação, é comum que o estudante sinta ansiedade diante da progressão que o curso apresenta, perante as diversas disciplinas que cujos conteúdos são complexos, atividades avaliativas, estágios, problemas pessoais, etc. Outro fator que corrobora para o aumento da ansiedade é a frustração das expectativas geradas no início do curso: ao se deparar com uma realidade desconhecida e com os impasses da formação, o sujeito percebe que aquilo que idealizou não corresponde necessariamente com a realidade.

Já Henriques (2017) diz que a cultura do imediatismo presente na sociedade atual promove uma pressão sobre as pessoas, especialmente os adolescentes, para a obtenção precoce de sucesso em diversas áreas da vida, especialmente nas finanças, academicamente e profissionalmente, nas relações interpessoais e amorosas, etc. Eles são convocados a responder a todas essas cobranças e, na tentativa de lidar com o sofrimento advindo dessas imposições, acabam adoecendo. Na opinião da autora, os jovens têm estado cada vez mais ansiosos em decorrência de suas dificuldades de lidar com todas essas demandas.

Nesse sentido, os jovens e adolescentes, ao sofrerem uma suspensão do seu lugar previamente estabelecido na infância, estão mais suscetíveis às ressignificações sociais. Conseqüentemente, os conflitos e angústias que eles enfrentam são indissociáveis da sociedade e cultura da qual fazem parte, pois: “[...] As manifestações do sujeito adolescente estão em sintonia com os traços de sua sociedade e esta, por sua vez, imprime a marca de suas contradições em sua subjetividade em revolução (GEA, 2013, p. 19).

Além disso, Silva (2019) chama a atenção para o fato de que a ansiedade aparece nos alunos de diferentes formas, tendo em vista que a forma como cada sujeito a vivencia é singular. Um dos fatores que confirmam essa singularidade é a maneira como cada estudante percebe e recebe as demandas universitárias, bem como a forma em que essas são passadas para eles pelos professores. Já Theisen (2015) acrescenta que a ansiedade é compreendida pela Psicanálise como um sintoma da atualidade, reflexo de uma sociedade que exige cada vez mais respostas imediatas e urgentes e acaba corroborando em sofrimento e adoecimento psíquico, sendo a ansiedade e seus sintomas um dos que mais se sobressaem.

Logo, é importante não perdermos de vista que a ansiedade, como todo sintoma social, caracteriza-se por uma organização sobre uma forma discursiva, que nos dias atuais é

responsável por produzir laço social. Conseqüentemente, a Psicanálise nos auxilia compreendermos que a ansiedade a partir de uma perspectiva não psicologizante, não patologizante e não medicalizadora, reconhecendo que ela se inscreve de forma imponente na cultura e “[...] se aloja na vida do sujeito, pois está estruturado em seu inconsciente desde seu nascimento, sendo assim, todos os sujeitos passam pela experiência de vivenciar um sintoma social” (THEISEN, 2015, p. 20).

Demantova (2020) também nos ajuda nessa leitura crítica da ansiedade como um sintoma social, ao destacar a presença de uma *cultura do bem-estar*. Nela, todos precisam estar em equilibrados e adaptados a todas as circunstâncias, ao mesmo tempo em que não se dá espaço para que possam sentir e muito menos falar sobre suas tristezas e angústias. É a ilusão de que tudo é possível e de que a satisfação plena pode ser alcançada.

Corroborando com a autora acima, Gea (2013) acrescenta que os adolescentes, ao se depararem com o atual contexto histórico-cultural caótico e incerto - que os exclui do mercado de trabalho, negando-lhes oportunidades – acabam desenvolvendo quadros de ansiedade diante das dificuldades de lidar com suas questões. Outros fatores que contribuem para isso são a: “[...] inédita fabricação de artefatos, medicamentos e publicações destinados à majoração de uma saúde padronizada [...]” (p. 15).

Diante disso, destacamos aqui a importância de atentarmos também para a dimensão psicossocial da ansiedade, pois o enfoque biomédico predominante, ao privilegiar apenas os seus aspectos individuais, acaba contribuindo para a culpabilização desses sujeitos pelo seu sofrimento psíquico, favorecendo a disseminação de estereótipos, estigmas e preconceitos que, além de dificultar a busca de ajuda, coloca esses jovens à margem da sociedade, por isso Rodrigues (2018) diz que “[...] Eles consideram as regras da sociedade cruéis e apresentam dificuldades em lidar com o mundo externo, muitas vezes visto como segregador” (p. 17).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Logo, sendo a ansiedade um sintoma cuja incidência tem se elevado na atualidade, impactando em diversas áreas da vida dos sujeitos, dentre elas a acadêmica, apresentamos aqui uma leitura psicanalítica, onde compreendemos a ansiedade como um sintoma social, reflexo de uma sociedade que exige cada vez mais respostas imediatas e urgentes e que acaba promovendo em sofrimento e adoecimento psíquico dos universitários. Dessa forma, apresentamos aqui uma abordagem crítica deste fenômeno, como uma alternativa ao predominante modelo biomédico, indo além dos seus aspectos individuais e abrangendo

também os seus psicossociais. A partir destes pressupostos acreditamos que será possível uma compreensão da ansiedade a partir de uma perspectiva não psicologizante, não patologizante e não medicalizadora e favorecer a proposição de políticas públicas e de intervenções de caráter preventivo que promovam o bem-estar e saúde mental dos sujeitos nas universidades.

REFERÊNCIAS

DEMANTOVA, A. G. **Automutilação na adolescência**: corpo atacado, corpo marcado. Curitiba: Editora CRV, 2020.

DIAS, I. M. S. **Cutting - a automutilação em perspectiva lacaniana**. 2019, 74 f. Dissertação (Mestrado em Psicanálise) - Programa de Pós-Graduação em Psicanálise, Saúde e Sociedade. Universidade Veiga de Almeida, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://www.uva.br/sites/default/files/cutting_a_automutilacao_em_perspectiva_lacaniana_ines_mendonca_dos_santos_dias.pdf>. Acesso em 08 Jul. 2021.

FERRARI, I. F. A Psicanálise no mundo da informática e dos gráficos. In: FERREIRA, T.; VORCARO, A. (Orgs.). **Pesquisa e psicanálise**: do campo à escrita. Belo Horizonte: Autêntica, 2018, p. 79-95.

FREUD, S. **O Mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)**. São Paulo: Companhia das letras, 2010. Obras Completas, vol. 18.

FREUD, S. **Conferências introdutórias à psicanálise (1916-1917)**. São Paulo: Companhia das letras, 2014. Obras Completas, vol. 13.

FREUD, S. **Inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)**. São Paulo: Companhia das letras, 2014, p. 13-123. Obras Completas, vol. 17.

FREUD, S. Análise Terminável e interminável (1937). In: FREUD, S. **Moisés e o monoteísmo, compêndio de psicanálise e outros textos (1937-1939)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 274-326. Obras Completas, v. 19.

GEA, M. R. **Corpos marcados**: adolescência e ideais na contemporaneidade. 2013, 85 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-30072013-095819/publico/Gea_me.pdf>. Acesso em 15 Maio, 2021.

GOLDGRUB, F. As teorias da ansiedade e das pulsões em Freud. **Revista Psicologia**. São Paulo, v. 19, n. 1, s/m, 2010, p. 11-32. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/5225/3759>>. Acesso em 20 Jul. 2021.

HENRIQUES, R. L. S. P. A Automutilação nas políticas públicas de saúde mental: um olhar através do biopoder e sociedade disciplinar foucaultiana. **Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**. Minas Gerais, v. 3, n. 6, Dez. 2018, p. 172-189. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/16023>>. Acesso em 08 Jul. 2021.

LACAN, J. **O Seminário, livro 10: A Angústia.** 1962-1963. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LACAN, J. **O Seminário, livro 11: Os Quatro conceitos fundamentais da psicanálise.** 1964. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LACAN, J. **O Seminário, livro 17: O Averso da psicanálise.** 1969-1970. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

RODRIGUES, P. P. **Gritos silenciosos: quando as impossibilidades de simbolização de conflitos retornam ao corpo - automutilação na adolescência.** 2018, 31 f. Monografia (Especialização em Saúde do Adolescente) - Faculdade de Medicina. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBDAYVFK7/1/tcc_pronto_p_s_banca_paloma_rodrigues.pdf>. Acesso em 19 Mar. 2021.

SCHERER, L. C. B.; CARNEIRO, C. Mal-estar na escola e a aposta docente: encontros e desencontros. In: VOLTOLINI, R.; GURSKI, R. (Orgs.). **Retratos da pesquisa em psicanálise e educação.** São Paulo: Contracorrente, 2020, p. 133-148. Col. Educação & Psicanálise, vol. 2.

SIMONETTI, A. **A Angústia e a ansiedade na psicopatologia fundamental.** 2011, 165 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Laboratório de Psicopatologia Fundamental. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/15010>>. Acesso em 20 Jul. 2021.

SILVA, T. A. C. **A Ansiedade em estudantes universitários: uma revisão bibliográfica à luz da Psicologia.** 2019, 17f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de graduação em Psicologia) – Faculdade Leão Sampaio, Juazeiro do Norte/CE, 2019. Disponível em: <<https://unileao.edu.br/repositoriobibli/tcc/THIALA%20ALVES%20DA%20COSTA%20SILVA.pdf>>. Acesso em 26 Jul. 2021.

SOARES, A; MONTEIRO, M; SANTOS, Z. Revisão sistemática da literatura sobre ansiedade em estudantes do ensino superior. **Contextos Clínicos.** Niterói/RJ, v. 13, n. 3, Dez. 2020, p. 992-1012. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/contextosclinicos/article/view/ctc.2020.133.13>>. Acesso em 26 Jul. 2021. DOI: 10.4013/ctc.2020.133.13.

SOUZA, J. F.; SILVA, A. S.; NÓBREGA, A. C. S.; AZEVEDO, R. L. W. Depressão e ansiedade no ambiente acadêmico: uma revisão integrativa. III CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE. **Anais do III CONBRACIS.** Campina Grande, Realize Editora 2018. Disponível em: <<http://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/40944>>. Acesso em: 26 Jul. 2021.

THEISEN, C. **Ansiedade: sintoma social contemporâneo.** 2015, 45 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Psicologia) – Departamento de Humanidade e Educação. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Santa Rosa/RS, 2015. Disponível em: <<https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/handle/123456789/3309>>. Acesso em 19 Jul. 2021.